

Cadernos Teologia Pública

O Mistério da Igreja na era das mídias digitais

Antonio Spadaro

ano IX - número 73 - 2012

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS




UNISINOS
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

O Mistério da Igreja na era das mídias digitais

Antonio Spadaro

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Schneider

Cadernos Teologia Pública

Ano IX – Nº 73 – 2012

ISSN 1807-0590

Responsáveis técnicos

Cleusa Maria Andreatta

Marcelo Leandro dos Santos

Revisão

Isaque Gomes Correa

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

MS Ana Maria Formoso – Unisinos

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Dr. Marcelo Leandro dos Santos – Unisinos

Profa. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Dra. Susana Rocca – Unisinos

Conselho científico

Profa. Dra. Edla Eggert – Unisinos – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Faustino Teixeira – UFJF-MG – Doutor em Teologia

Prof. Dr. José Roque Junges, SJ – Unisinos – Doutor em Teologia

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin – PUCRS – Doutor em Teologia

Profa. Dra. Maria Clara Bingemer – PUC-Rio – Doutora em Teologia

Profa. MS Maria Helena Morra – PUC Minas – Mestre em Teologia

Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen – CES/ITASA-MG – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner – EST-RS – Doutor em Teologia

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

A publicação dos Cadernos Teologia Pública, sob a responsabilidade do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica em diálogo com as ciências, culturas e religiões de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Busca-se, assim, a participação ativa nos

debates que se desdobram na esfera pública da sociedade. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, especialmente, a exclusão socioeconômica de imensas camadas da população, no diálogo com as diferentes concepções de mundo e as religiões, constituem o horizonte da teologia pública. Os Cadernos Teologia Pública se inscrevem nesta perspectiva.

O Mistério da Igreja na era das mídias digitais

Antonio Spadaro

A Internet está mudando o nosso modo de pensar? Esta pergunta foi o título de uma seleção de entrevistas sobre o impacto da rede mundial de computadores, ou simplesmente Rede, nas nossas vidas, que surgiu nos Estados Unidos em 2011¹. E essa é, de fato, a questão real, aquela sobre a qual precisamos nos perguntar: A internet está mudando a forma como pensamos? Se a Rede muda a forma como pensamos, e a teologia é *intellectus fidei*, ou seja, “pensar a fé”, a pergunta é imediata: a internet está mudando a forma como pensamos a fé? Está mudando – entre outras coisas – a nossa forma de pensar e viver o mistério e a experiência da Igreja?

1 J. BROCKMAN, (ed.), *Is the Internet changing the way you think? The net's impact on our mind and future*, New York, Harper Collins, 2011.

As recentes tecnologias digitais não são mais somente *tools*, isto é, instrumentos completamente externos ao nosso corpo e à nossa mente. A Rede não é um instrumento, mas um ambiente no qual vivemos. Talvez até mais, sendo um verdadeiro tecido interligado² da nossa experiência da realidade. “Os modernos meios de comunicação há tempo fazem parte dos instrumentos comuns através dos quais as comunidades eclesiais se expressam, entrando em contato com o seu próprio território e estabelecendo, muitas vezes, formas de diálogo

2 Conforme a conectividade de Georg Siemens, que analisou os limites das teorias como o behaviorismo, cognitivismo e construtivismo que enfatizam a tentativa de explicar os efeitos do uso da tecnologia sobre a nossa maneira de viver, comunicar e aprender. Cf. G. SIEMENS, *Knowing knowledge* (2006), que pode ser baixado em: <http://www.elearnspace.org/KnowingKnowledge_LowRes.pdf>.

go mais abrangentes”. Foi o próprio Bento XVI, em sua mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2010³, a declará-lo.

Isso é confirmado também pelo recente documento intitulado *A Comunicação na Vida da Igreja no Brasil* da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.⁴ E torna-se ainda mais real se considerarmos como a Rede se tornou importante para o desenvolvimento das relações entre os membros da chamada “geração Y”, ou seja, de jovens nascidos entre os anos 1980 e 2000⁵. Esta se caracteriza por uma grande familiaridade com a comunicação, as mídias e as tecnologias digitais. Trata-se da geração chamada web 2.0, em que as relações entre as pessoas estão no centro do sistema e da troca comunicativa, pelo menos tanto quanto os seus conteúdos.

3 Cf. BENEDETTO XVI, “Il sacerdote e la pastorale nel mondo digitale: i nuovi media al servizio della Parola”. Mensagem para o 44º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2010.

4 CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *A comunicação na vida e missão da Igreja no Brasil*. Brasília: Edições CNBB, 2011.

5 A expressão “geração Y” aparece pela primeira vez em agosto de 1993, em um editorial na revista *Ad Age*, que descrevia os adolescentes do momento, definindo-os como diferentes da “geração X” que os havia precedido. Estes jovens são também definidos como *Millennials*. Cf. N. HOWE – W. STRAUSS, *Millennials rising. The next great generation*. New York (NY): Vintage Book, 2000; e *The faith of generation Y*. London: Church House Publishing, 2010.

As redes sociais não expressam um conjunto de indivíduos, mas um conjunto de relações entre os indivíduos. O conceito-chave não é mais a “presença” na Rede, mas a conexão: estando presente, mas não conectado, se está “só”. O indivíduo entra na Rede para experimentar ou ampliar de algum modo a proximidade/vizinhança. Deve-se, portanto, entender como o conceito de “próximo” evolui a partir da Rede.

Juntas, todas as plataformas de redes sociais são uma ajuda em potencial às relações, mas também uma ameaça. A problemática consiste no fato de que a conexão e o compartilhamento aí não se identificam com o “encontro”, que é uma experiência muito desafiadora em nível de relacionamento.

Quem é o meu “próximo”?

A possível separação entre conexão e encontro, entre compartilhamento e relação, implica que as relações, hoje, paradoxalmente podem ser mantidas sem sacrificar a própria condição de isolamento egoísta. Sherry Turkle resumiu tal condição no título de seu livro: *Alone together*⁶, isto é, “juntos, mas sozinhos”. Na verdade, os

6 S. TURKLE, *Alone together. Why we expect more from technology and less from each other*. New York: Basic Books, 2011.

“amigos”, exatamente porque sempre estão online, isto é, disponíveis para o contato ou imaginados como presentes, dando uma olhada nas nossas atualizações nas redes sociais, estão invariavelmente presentes e, portanto, e exatamente por essa razão, susceptíveis a desaparecer em uma projeção do nosso imaginário.

A fratura na proximidade acontece porque ela é determinada pela mediação tecnológica; por isso está “próximo” quem está “conectado” comigo⁷. Corro o risco, então, de estar “longe” de um amigo que vive próximo a mim, mas que não está no Facebook e usa pouco e-mail e de sentir-me “próximo” a uma pessoa que eu nunca encontrei que se tornou meu “amigo” porque é amigo de um amigo meu, com quem me comunico frequentemente na Rede.

Essa estranheza tem raízes profundas no anonimato da sociedade de massa. Até o início do século XX a maioria da população vivia em um ambiente agrícola, e as pessoas não conheciam mais do que algumas centenas de rostos durante toda a vida. Hoje é normal o contrário, isto é, o não reconhecer os rostos encontrados na rua, e é óbvio que o próximo é essencialmente um estranho. A transição problemática é que se começa a

avaliar a proximidade com critérios demasiado elementares, sem a complexidade típica de uma relação verdadeira e profunda.

A tecnologia habitua cada vez mais o cérebro a aplicar a experiência do videogame que é baseada em “resposta correta/resposta errada” aos estímulos que envio a outra pessoa. De forma cristã o “próximo”, no entanto, não é certamente aquele que oferece “respostas corretas” aos nossos estímulos contra ele. A lógica do Evangelho é muito clara sobre isso: “Se amais aqueles que vos amam, qual gratidão vos é devida? Até mesmo os pecadores amam aqueles que os amam. E se fazeis o bem aqueles que vos fazem o bem, qual gratidão vos é devida? Até mesmo os pecadores amam aqueles que os amam. E se deres àqueles de quem esperais receber, qual gratidão vos é devida? Também os pecadores emprestam aos pecadores, para receberem outro tanto. Mas, amai os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai, sem esperar nada em troca, e sua recompensa será grande e serão filhos do Altíssimo” (Lc. 6,32-35). Assim, quando Lucas fala em “fazer o bem” isso deveria ser lido no sentido mais literal possível. O contato do videogame na Rede acontece substancialmente graças às “palavras”, isto é, a contos, mensagens escritas. Antes, ser amigo para os jovens só era possível quando se fazia alguma coisa juntos, se houvesse uma atividade compartilhada,

⁷ Cf. B. E. BRASHER, *Give me that online religion*. New Brunswick (NJ): Rutgers University Press, 2004, 116-119, isto é, o parágrafo “Who is our virtual neighbour?”.

sair para comer uma pizza, tocar juntos ou participar de um grupo. Hoje é possível ser amigo simplesmente escrevendo sobre a própria vida em um mural eletrônico. Construir amizades, portanto, significa ter que lidar com um maior número de contatos, mas exige também uma maior consciência da intensidade, da profundidade possível em um relacionamento humano, “encarnado”.

O principal problema desta questão que estamos enfrentando é o conceito de “presença” na era das mídias digitais e das *networks* sociais que desenvolvem uma forma de presença virtual. O que significa estar presente para o outro? O que significa estar presente em um evento? A existência “virtual” é configurada através de um estatuto ontológico incerto: ignora a presença física, mas oferece uma forma, às vezes vívida, de presença social.

Essa não é simplesmente um produto da consciência, uma imagem mental, mas também não é uma *res extensa*, uma realidade objetiva comum, porque existe somente durante a interação. As esferas existenciais envolvidas na presença em Rede devem, de fato, ser mais bem investigadas em sua trama⁸. Abre-se diante de nós um mundo intermediário⁹ híbrido, cuja

ontologia deve ser investigada a fim de melhorar a compreensão teológica¹⁰.

Uma parte da nossa capacidade de ver e ouvir estão claramente “dentro” da rede, de modo que a conectividade está sendo definida como um direito cuja violação tem uma forte influência sobre as habilidades relacionais e sociais das pessoas. A nossa identidade é cada vez mais vista como um valor a ser pensado e disseminado em várias áreas, e não apenas ligada à nossa presença física, à nossa realidade biológica.

Onde está o meu “próximo”?

Mas o que parecia ter sido perdido, isto é, o interesse pelo encontro “real”, ou seja, físico com as pessoas, com os amigos, hoje, ao contrário, começa a ser recuperado de outras formas e através de outros caminhos. Assim, considerando o fato de que a rua é um local de proximidade quase anônima, alguém se perguntou como fazer para encontrar com amigos e conhecidos que vivem, principalmente nas grandes cidades, uma vida agitada e ocupada nas idas e vindas de

8 Cf. M. BITTANTI. “Introdução”, in: M. GEROSA. *Second Life*. Roma: Meltemi, 7.

9 Cf. Ph. QUEAU. *Metaxu. Théorie de l'art intermédiaire*. Champ Vallon: Seyssel, 1989.

10 Cf. D. HERRING. “Towards sacrament in cyberspace”, in: *Epworth Review* 35 (2008), p. 41-45.

um lugar para outro. Assim foi recuperada como função social a geolocalização permitida pelos smartphones tais como o iPhone ou aqueles do sistema Android. Em 2009 foram criados os aplicativos Foursquare e Gowalla. Em 2010 o Facebook também passou a contar com a função Places.

Esses aplicativos se baseiam em um princípio: quando se está em algum lugar com o celular e se faz check-in, isto é, quando se marca a presença, ela fica visível para os “amigos” e para aqueles que estão habilitados a ver a nossa localização em um mapa. Dessa forma, o mundo virtual e o mundo físico estão conectados entre si. Fazer check-in significa marcar a própria presença em um local e, substancialmente, mostrar que está disponível para um encontro ou um café. O programa Google Latitude radicaliza o conceito permitindo ao usuário de um telefone celular permanecer constantemente marcado em qualquer lugar e encontrado pelas pessoas habilitadas.

Sem analisar detalhadamente todas as características destes *local-based social networks*, podemos perguntar o que leva as pessoas a violar continuamente sua privacidade pessoal. Certamente manifestam uma necessidade de proximidade, ou seja, o desejo de levar o mundo das suas relações a um nível de contato real. Em um mundo onde é cada vez mais difícil, devido à

distância e ritmo de trabalho, estar em meio a um grupo de “rostos conhecidos” na rede de seus amigos, em um único lugar, procuram-se estender os fios desta rede usando um “aplicativo que me diz que tenho a oportunidade de encontrar alguns amigos no bairro, se eu tiver algum tempo livre”.

Os *local-based social networks* introduzem uma versão “líquida” de proximidade, baseada no conceito local. A ideia da praça que se move do território para o seu smartphone. Isso me diz quem e onde eu posso encontrar, permitindo-me “sair” do anonimato do ambiente que me rodeia. Os fiéis devem, cedo ou tarde, enfrentar esta visão das relações. A comunidade cristã será uma comunidade “geolocalizada”, cuja adesão estará ligada, cada vez mais, ao seu network de referência, que se movimenta no território? Criar oportunidades de oração comum se parecerá com o check-in em um lugar de culto, em uma igreja? A geolocalização compartilhada poderá ser um fator que, mais cedo ou mais tarde, afetará o modo de “ser uma comunidade” eclesial, como, aliás, embora de uma maneira diferente, foram os meios de transporte para as gerações anteriores¹¹.

11 Sobre a rede e a transformação da sociabilidade, cf. M. CASTELLS. *Galassia internet*. Milano: Feltrinelli, 2013, 117-133.

Uma comunidade “líquida”?

À luz das considerações sobre estar “próximo”, como é possível imaginar o futuro da vida de uma comunidade eclesial na era da Rede? Com a referência territorial “líquido” e a falta de um compartilhamento da vida, certamente corremos o risco de comprometer um relacionamento verdadeiramente significativo. No entanto, não podemos nos esquecer de alguns efeitos positivos, tais como a agregação espontânea através da sensibilidade e semelhanças eletivas.

Todavia, uma comunidade não pode ser mediada de maneira decisiva por uma tecnologia sofisticada. É claro que, muitas vezes, os encontros entre as pessoas são mediados pela tecnologia: o carro, o ônibus, o telefone etc., são todas ferramentas tecnológicas que permitem reuniões e até mesmo o uso dos sacramentos, mas são amplamente disponíveis e de fácil acesso. As tecnologias sofisticadas de hoje não são assim.

A barreira tecnológica poderia ser considerada em pé de igualdade com as barreiras arquitetônicas. Em uma comunidade de Rede corre-se o risco de anular o confronto, mesmo difícil, com e entre as diferenças de idade, cultura, profissão, ideias e sentimentos. Pensemos nas comunidades eclesiais geradas pelos televange-

listas, que produzem uma prática religiosa individual, o que confirma a exasperada privatização dos propósitos da vida e o individualismo extremo da sociedade de consumo capitalista, na qual o lema é “cada um por si e Deus por todos”. O sucesso dos sites de espiritualidade não acontece por acaso, pois estão desvinculados de qualquer forma de mediação histórica, comunitária e sacramental (tradição, testemunho, celebração...), e tendem a incluir todos os valores religiosos unicamente na consciência individual e, muitas vezes, são de inspiração *new age*. Essas tensões, é claro, têm um impacto sobre o significado de “pertença” eclesial.

Ela corre o risco de ser considerada o resultado de um consenso e, portanto, produto da comunicação. Nesse contexto, as etapas da iniciação cristã correm o risco de se deixar envolver em uma espécie de “procedimento de acesso” (*login*) à informação, talvez com base em um “contrato”, o que também permite uma desconexão rápida (*logoff*). As raízes em uma comunidade que resultaria em uma espécie de “instalação” (*set up*) de um programa (*software*) em uma máquina (*hardware*), que pode ser facilmente “desinstalada” (*uninstall*).

Por outro lado, a Rede, em vez disso, destina-se a ser cada vez mais não um mundo paralelo e distinto no que diz respeito à realidade de todos os dias, aquele de

contatos diretos: as duas dimensões, a online e a off-line, são chamadas a harmonizar e integrar-se tanto quanto possível em uma vida cheia de relações completas e sinceras. A comunidade cristã está sendo cada vez mais entendida (e tornando-se compreensível) em termos de *network*. O especialista em mass media, o célebre Marshall McLuhan, estava certo quando, falando do Magistério na era eletrônica, anteviu que as condições associadas ao seu exercício do século XX estariam ligadas a uma analogia com a primeira década da Igreja. “Há, por um lado – escreve ele – o imediatismo da inter-relação entre cristãos e não cristãos, em um mundo em que as informações se movem à velocidade da luz”. A população do mundo de hoje coexiste em um espaço muito pequeno e em um tempo instantâneo. “Em relação ao Magistério, é como se toda a população do mundo estivesse presente em uma pequena sala onde fosse possível o diálogo perpétuo”¹².

Igreja conectada ou Corpo místico?

À luz desta visão da humanidade interligada se aceita facilmente a imagem do Reino de Deus fornecida

12 M. McLUHAN. *La luce e il mezzo. Riflessioni sulla religione*. Roma: Armando, 2002, 147. O texto citado é de 1973.

por J. Dwight Friesen, professor de Teologia Prática na *Mars Hill Graduate School*, em Seattle, em seu livro *Thy kingdom connected*. Na verdade, ele imagina “o reino de Deus em termos de um ser relacionalmente conectado com Deus, uns com os outros, e com toda a criação”¹³. É uma visão semelhante à do *Compendio do Catecismo da Igreja Católica* que afirma que o sacramento da Igreja é “um instrumento de reconciliação e de comunhão dos homens com Deus e a unidade de toda a humanidade”¹⁴. Todavia a compreensão desta interconexão no pensamento de Friesen vai tão longe a ponto de identificar a Igreja com esta rede de interconexões. Em seu pensamento o mistério da Igreja se dilui no “espaço conectado”, um *hub* de conexões, apoiando uma “autoridade conectiva”¹⁵ cujo objetivo é substancialmente conectar as pessoas. Friesen escolhe uma metáfora para explicar a Igreja: Google, que se transforma em um paradigma de valor eclesiológico. Friesen escreve que o essa empresa de tecnologia nos ajuda a entender melhor os *connective leaders*, porque o popular motor de busca não é em si a informação que

13 D. J. FRIESEN, *Thy kingdom connected. What the Church can learn from Facebook, the Internet, and other networks*. Grand Rapids (MI): Baker Books, 2009, 31.

14 *Catechismo della Chiesa Cattolica. Compendio*, n. 152.

15 D. J. FRIESEN, *Thy kingdom connected...*, cit., 80 et seq.

procuramos, mas o que nos conecta com o que buscamos. Ninguém visita o site Google por ele mesmo, para visitar o site, mas sim para conseguir o que se quer. Assim, conclui Friesen: “esta visão conectiva (*networked*) de liderança é vital para entender quem é o líder conectivo e qual autoridade relacional está em jogo em uma visão relacional de conectar o mundo”.¹⁶ A autoridade do Google não é inerente, mas é algo que o motor ganha dando aos usuários as conexões que consegue estabelecer. Esta é a “autoridade conectiva” do Google: a sua capacidade de se relacionar. Assim, afirma Friesen: “a parábola do Google” pode levar a pensar mais biblicamente a natureza e a função da liderança cristã nas igrejas, organizações, atividades e famílias”.

A ideia de Igreja que surge de tal visão é aquela de *Networked Church*, que repensa e compreende as estruturas das igrejas locais. Essas se tornam *Christ Commons*, cujo objetivo primordial é criar e desenvolver um ambiente conectado que facilita o agrupamento (*to cluster*) das pessoas em nome de Cristo. Para entender essa ideia, é necessário compreender dois conceitos-chave: o de *common* e o de *cluster*. O primeiro é um espaço público conectado como uma praça ou um jardim público. Um exemplo é o *Boston Common* na área de Boston,

¹⁶ Ivi, 81.

o parque público mais antigo dos Estados Unidos¹⁷. O *Christ Common* é, portanto, “uma estrutura visível, algo como uma instituição, uma denominação, um edifício, uma celebração, um pequeno grupo formalmente criado com a esperança de que a estrutura possa constituir um ambiente ou um espaço onde as pessoas podem ter uma experiência de vida em comunhão com Deus e com os outros”¹⁸. Já em 2001, Manuel Castells, um estudioso da sociedade da informação, havia entendido que “a questão fundamental para nós é a passagem da comunidade à *network* como uma forma central de interação organizacional. As comunidades, pelo menos na tradição da pesquisa sociológica, eram baseadas no compartilhamento dos valores e na organização social. As *networks* são feitas através de escolhas e estratégias dos atores sociais, sejam indivíduos, famílias ou grupos”¹⁹. A

¹⁷ Este termo é usado para indicar outras “coisas” de caráter “comum”. Especialmente na rede a expressão é bem conhecida porque indica uma tipologia de licenças que permitem aqueles que possuem os direitos de copirraite de transmitir alguns destes direitos ao público e de conservar os outros. Por exemplo, distribuir um texto original sem o direito de modificá-lo, ou de poder distribuí-lo sem visar lucro. É uma licença destinada ao compartilhamento sem todas as restrições típicas do clássico copirraite.

¹⁸ Ivi, 107.

¹⁹ Cf. M. CASTELLS. *Galassia Internet*, cit., 126.

passagem da comunidade à *network*, no pensamento de Friesen, parece ter se completado.

A Igreja seria então uma estrutura de apoio, um *hub*, uma praça, onde as pessoas podem se agrupar, criar grupos, ou melhor, conjuntos (*cluster*) de conexões. O termo *cluster* tem um eco preciso no mundo da informática, porque identifica um conjunto de computadores ligados por uma rede. O objetivo de um *cluster* é distribuir um processamento muito complexo entre os vários computadores que o compõem. Isso evidentemente aumenta o poder computacional do sistema. A Igreja, como *Christ Common*, não é um ponto de referência, não é um farol que emite luz por si, mas uma estrutura de apoio. Seu objetivo não é aumentar os seus membros, mas aumentar o Reino de Deus.

Não podem ser excluídos deste contexto “pastores, líderes, bispos, um papa, ou outros”²⁰, mas devem ser entendidos como *network ecologists*, pessoas que têm a tarefa de manter em função a rede de conexões dentro de uma sociedade baseada em uma forma de neomadismo, através do qual as relações podem se reconfigurar com uma inércia mínima²¹. Esta visão dá uma ideia da comunidade cristã, que adota as características

20 Ivi, 114.

21 Cf. P. LÉVY. *Il virtuale*. Milano: Raffaello Cortina, 1997, 10.

de uma comunidade virtual entendida como leve, sem ligações históricas e geográficas, fluida.

Uma visão paralela e próxima àquela de Friesen, e que foi expressa anteriormente por Douglas Estes, pastor presbiteriano e professor do Novo Testamento, em seu livro *SimChurch. Being the Church in the virtual world*²², e depois, de forma mais ampla, por Landon Whitsitt, vice-moderador da Assembleia da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, em seu livro *Open Source Church*²³. Whitsitt propõe uma comunidade eclesial baseada na filosofia *open source* e nos seus dez critérios básicos²⁴. O modelo *open source* eleito como referência é o Wikipédia. Ele imagina uma Wikieclésia, uma igreja baseada na colaboração dos dons, das competências e dos conhecimentos de todos. A sua definição é *the church that anyone can edit* [a igreja que todos podem editar]²⁵.

Devem-se observar pelo menos três problemas. O primeiro é que a Igreja não é uma enciclopédia, não é

22 D. ESTES. *SimChurch. Being the Church in the virtual world*. Grand Rapids: Zondervan, 2009, 138-142.

23 L. WHITSITT. *Open source Church: Making room for the wisdom of all*. Herndon: Alban, 2011.

24 B. PERENS. “The open source definition”, in: *Open sources: Voices from the Open Source Revolution*. Disponível em: <<http://oreilly.com/catalog/opensources/book/perens.html>>.

25 L. WHITSITT. *Open Source Church*..., cit., Kindle position 654.

baseada em informações e não é o resultado do esforço humano. A segunda é que tomar o projeto Wikipédia como modelo eclesiológico é tão fascinante como enganoso, porque tem na sua base não o critério da verdade, mas o da verificabilidade, com base em fontes de informação que nem sempre são confiáveis. E, além disso, sempre tem um ponto de vista neutro. A Igreja que surge a partir da visão de Whitsitt é, portanto, totalmente aberta a qualquer tipo de entendimento da mensagem evangélica, desde que essas formas sejam consideradas confiáveis, conforme a imagem de Cristo²⁶. O terceiro problema está ligado ao princípio de autoridade. Wikipédia é aberta à contribuição de todos, mas prevê administradores. Whitsitt afirma que os ministros, assim como os diáconos e os presbiterianos, deveriam ter na Igreja a mesma função dos administradores da Wikipédia: pessoas de confiança que servem para manter a comunidade como *janitors* e *watchdogs*, isto é, substancialmente depositários e responsáveis pela comunidade²⁷.

O pensamento de Friesen e de Whitsitt expressa bem a visão da Igreja, que pertence à assim chamada *emerging church*, um amplo, complexo e fluído movimento da área evangélico-carismática, que pretende re-

26 Ivi, 903.

27 Ivi, 1186.

plantar a fé cristã no novo contexto pós-cristão. Dá-se muita ênfase aos paradigmas relacionais, em todas as expressões que – citando Zygmunt Bauman – poderíamos definir como “líquidas” da comunidade, de novas abordagens e altamente criativas em relação à espiritualidade e ao culto. O resultado é uma igreja “orgânica, interligada, descentralizada, construída de baixo para cima, flexível e em constante evolução”²⁸.

Ramos de videiras ou fios de rede?

Outro livro interessante para o estudo de uma espécie de “cibereclesiologia” é aquele de Jesse Rice, responsável litúrgico de uma igreja presbiteriana na Califórnia. O título é simbólico: *The Church of Facebook* e tem como subtítulo: “como as pessoas interligadas estão redefinindo a comunidade”.²⁹ Como ser Igreja na era da Rede como espaço antropológico?³⁰ É possível pensar

28 K. BREWIN. *Sign of emergence. A vision for Church that is organic, networked, decentralized, bottom-up, communal, flexible, always evolving*. Grand Rapids (MI): Baker Books, 2007.

29 J. RICE. *The Church of Facebook. How the hyperconnected are redefining community*. Colorado Spring: David Cook, 2009.

30 Cf. D. ESTES. *SimChurch. Being the Church in the virtual world*. Grand Rapids: Zondervan. 2009.

a internet, com seus ambientes e aplicativos como o Google, Facebook e Wikipédia, como uma metáfora para a compreender a Igreja?

A *Lumen Gentium*, n. 6, falando da natureza íntima da Igreja, afirma que essa se faz conhecer através de variadas imagens. No passado, além daquelas bíblicas, foram utilizados outros tipos de imagens para dar significado à Igreja; por exemplo, as metáforas navais e de navegações³¹. Algumas imagens podem ser modelos eclesiológicos. Por “modelo” entende-se uma imagem usada por meio de reflexão e crítica para aprofundar a compreensão da realidade.³² A esta altura a questão é se, hoje, não se coloca a necessidade de lidar seriamente com a figura da Rede e, com isso, o que dela deriva em nível de compreensão do mistério da Igreja.

Certamente, o modelo relacional da Rede funciona se as conexões (*links*) estão sempre ativas: se um nó ou uma conexão fosse interrompido, a informação não passaria e a relação seria impossível. A reticularidade das videiras em cujos ramos escorrem fluxos de seiva não está muito distante da imagem da internet. Há quem leia

31 H. RAHNER, *L'ecclesiologia dei Padri. Simboli della Chiesa*. Roma: Ed. Paoline, 1971.

32 Cf. A. DULLES, *Models of the Church*. Garden City (NY): Image Books, 1987.

na atitude de Paulo, ele quando escreve cartas às comunidades cristãs, o desejo de manter vivos e ativos os *links*³³. A partir disso, entende-se que a Rede pode ser uma imagem da Igreja na medida em que é entendida como um corpo vivo, se todas as relações internas são vitais. Em seguida, a universalidade da Igreja e a missão de anunciar “a todas as gentes” reforçariam a percepção de que a Rede pode ser, de algum modo, um modelo de valor eclesiológico.

Sem dúvida, o modelo Wikipédia de Whitsitt estimula muito a prática eclesial, porque leva a uma real participação de todos os fiéis na vida da comunidade, e faz com que a Igreja se abra aos desafios da compreensão do Evangelho no mundo contemporâneo, com a sua carga de questões e interrogações, estimulando a criatividade. Faz com que se compreenda que a verdade do Evangelho é inesgotável, e para cada homem vale na medida em que ele a percebe na sua confiabilidade. Ela ajuda também a eclesiologia católica a fazer um maior esforço para se conectar e para que se compreenda a Igreja como Povo de Deus, Corpo Místico de Cristo e Tempo do Espírito Santo. Se o entendimento da Igreja

33 Cf. A.-L. BARABÁSI, *Link. La scienza delle reti*. Torino: Einaudi, 3-9; e G. SOLDANO. *Ordine e caos. Teoria delle reti*. Roma: Ecri, 2011, 56-62.

como corpo místico não pode ser diluído em uma espécie de plataforma de conexões, também é verdade que o entendimento da Igreja como Povo de Deus deve valorizar mais a participação deste povo nas três funções de Cristo: sacerdotal, profética e régia.

Finalmente, deve-se considerar que toda a configuração da *emerging ecclesiology* é fortemente missionária. Whitsitt elege a filosofia *open source* também porque ele sabe que a Igreja de hoje tem à sua frente o que ele chama de *open source generation*, já acostumada a pensar e a compreender as estruturas, mesmo as eclesíásticas, portanto, em termos *open*. Nesse sentido, aumenta a capacidade conectiva e testemunhal.

No entanto, muitas questões permanecem em aberto. A principal é baseada no fato de que a Rede pode ser entendida como um grande texto de tipo autorreferencial e, portanto, puramente “horizontal”: não tem raízes ou ramos e, assim, constitui um modelo de estrutura fechada em si mesma³⁴.

Contudo, a Igreja não é uma rede de relações imanentes, como é *cluster*, nem é concebível como um projeto enciclopédico fruto dos esforços dos homens de

boa vontade. A Igreja sempre tem um princípio e um fundamento “externo”.

A “con-vocação” a fazer parte do Corpo de Cristo que é a Igreja, portanto, não é redutível ao modelo sociológico e, acima de tudo, na visão católica, não é apenas um *hub*. Em vez disso, “designa o povo que Deus chama de todos os cantos da terra para formar o conjunto daqueles que, pela fé e pelo batismo, tornam-se filhos de Deus, membros de Cristo e templo do Espírito Santo”.³⁵ Através deste fundamento externo passa-se a pertencer à Igreja, pois é Cristo que, através do Espírito Santo, une intimamente a si os seus fiéis; é ele que a une a si em uma aliança eterna, tornando-a santa (Ef 5, 26)³⁶.

Portanto, a Igreja não pode ser reduzida apenas a um espaço público, um *common*, onde as pessoas se reúnem em nome de Cristo, mas é local de apelo, de chamado, de vocação que também pode transcender os limites de um puro e real desejo de agregação. A Igreja é, de fato, um “presente” e não um “produto”. O *surplus* cognitivo³⁷ realizado por projetos *open* como o site Wikipédia, apesar de tão virtuoso, abriga um caráter imanen-

34 Cf. L. DE CARLI. *Internet. Memoria e oblio*. Torino: Bollati Borin-ghieri, 1997.

35 *Catechismo della Chiesa Cattolica. Compendio*, n. 147.

36 Ivi, n. 156 e 158.

37 Cf. C. SHIRKY. *Surplus cognitivo. Creatività e generosità nell'era digitale*. Milano: Codice, 2010.

te, que poderia resultar no anonimato do pensamento coletivo, neutro e homologado. Em um contexto eclesialístico, o *surplus* é santificador e vem através da ação do Espírito, que vitaliza os membros do corpo místico. Cristo “nos deu o seu Espírito que, único e idêntico na cabeça e nos membros, dá vida, unifica e energiza o corpo todo”.³⁸ O elemento dinâmico da Igreja, que faz dela muito mais que a simples soma das suas partes, é o próprio Espírito Santo. Se as relações em Rede dependem da presença e da eficácia das ferramentas de comunicação, a comunhão eclesialística é radicalmente um “dom” do Espírito. A ação comunicativa da Igreja tem neste dom a sua base e a sua origem.

A Igreja que facilita a conexão

No entanto, é igualmente claro outro elemento adicional: a Igreja na era da Rede e das *social networks* [redes sociais] é chamada a avaliar o significado e as formas da sua presença. Acho que esta deve ser entendida não somente como o mistério de comunhão, mas também, mais modestamente, como um lugar de conexão significativa de indivíduos capazes de forne-

³⁸ *Lumen Gentium*, n. 7.

cer a base para a construção de relações de comunhão numa sociedade fragmentada³⁹. Dessa maneira, talvez as perspectivas de Dwight J. Friesen, Landon Whitsitt, Douglas Estes, Jesse Rice e outros teólogos da *emerging ecclesiology* possam ser recuperadas em nível pastoral, de forma adequada, pelo menos em suas necessidades de base. Uma tarefa para a Igreja de hoje, envolvida na “nova evangelização”, poderia, portanto, ser a de criar, entre outros, espaços de *networking* onde as pessoas se aproximam da fé e podem enfrentar suas questões mais profundas em um clima que permita construir relacionamentos significativos.

Além disso, o simples desejo de se conectar tem dentro de si uma vocação à comunhão. Bento XVI leu à luz da mensagem bíblica a tensão fundamental que as novas tecnologias são capazes de desenvolver. O desejo de conexão, de fato, ele escreve, “deve ser entendido principalmente como um reflexo da nossa participação no amor comunicativo e unificante de Deus, que quer fazer da humanidade uma única família. Quando sentimos a necessidade de nos aproximar de outras pessoas, quando queremos saber mais sobre elas e deixar que nos conheçam, estamos respondendo ao chamado de Deus

³⁹ Cf. P. SEQUERI. *Charles de Foucauld. Il Vangelo viene da Nazareth*. Milano: Vita & Pensiero, 2010, 43 et seq.

– uma vocação que está gravada na nossa natureza de seres criados à imagem e semelhança de Deus, o Deus da comunicação e da comunhão”⁴⁰. É neste convite que

reconhecemos um dos significados que a internet pode desempenhar no plano de Deus para a humanidade: o de ser uma única família.

40 BENEDETTO XVI. “Nuove tecnologie, nuove relazioni. Promuovere una cultura di rispetto, di dialogo, di amicizia”. Mensagem para o 43º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2009.

Cadernos Teologia Pública: temas publicados

- Nº 1 – *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI* – Johan Konings, SJ
- Nº 2 – *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista* – Maria Clara Bingemer
- Nº 3 – *A Teologia e a Origem da Universidade* – Martin N. Dreher
- Nº 4 – *No Quarentenário da Lumen Gentium* – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- Nº 5 – *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner* – Érico João Hammes
- Nº 6 – *Teologia e Diálogo Inter-Religioso* – Cleusa Maria Andreatta
- Nº 7 – *Transformações recentes e prospectivas de futuro para a ética teológica* – José Roque Junges, SJ
- Nº 8 – *Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos* – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- Nº 9 – *Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões* – Rudolf Eduard von Sinner
- Nº 10 – *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso* – Michael Amaladoss, SJ
- Nº 11 – *A teologia em situação de pós-modernidade* – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- Nº 12 – *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema* – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- Nº 13 – *Teologia e Ciências Sociais* – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- Nº 14 – *Teologia e Bioética* – Santiago Roldán García
- Nº 15 – *Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos* – David Eduardo Lara Corredor
- Nº 16 – *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento* – João Batista Libânio, SJ
- Nº 17 – *Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- Nº 18 – *Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II* – Paulo Suess
- Nº 19 – *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 1ª parte – Manfred Zeuch
- Nº 20 – *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 2ª parte – Manfred Zeuch
- Nº 21 – *Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo* – Karl-Josef Kuschel

- Nº 22 – *Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs* – Jacques Arnould
- Nº 23 – *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- Nº 24 – *O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica* – Walter Ferreira Salles
- Nº 25 – *A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II* – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 – *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski* – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 – *Música e Teologia em Johann Sebastian Bach* – Christoph Theobald
- N. 28 – *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas* – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 – *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino* – Ana María Formoso
- N. 30 – *Espiritualidade e respeito à diversidade* – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 – *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores* – Paul Valadier
- N. 32 – *Ética, alteridade e transcendência* – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 – *Religiões mundiais e Ethos Mundial* – Hans Küng
- N. 34 – *O Deus vivo nas vozes das mulheres* – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 – *Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica* – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 – *Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois* – Joseph Comblin
- N. 37 – *Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla* – João Batista Libânio
- N. 38 – *O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas* – Peter C. Phan
- N. 39 – *Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo* – Paulo Suess
- N. 40 – *Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha* – Benedito Ferraro
- N. 41 – *Espiritualidade cristã na pós-modernidade* – Ildo Perondi
- N. 42 – *Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta* – Ildo Perondi
- N. 43 – *A Cristologia das Conferências do Celam* – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 – *A origem da vida* – Hans Küng
- N. 45 – *Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga* – Maria Cristina Giani
- N. 46 – *Ciência e Espiritualidade* – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 – *Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana* – Antônio Cechin
- N. 48 – *Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff* – Águeda Bichels

- N. 49 – *Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos* – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 – *“Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão* – Cesare Giraudo, SJ
- N. 51 – *O Deus vivo em perspectiva cósmica* – Elizabeth A. Johnson
- N. 52 – *Eucaristia e Ecologia* – Denis Edwards
- N. 53 – *Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje* – José A. Zamora
- N. 54 – *Mater et Magistra – 50 Anos* – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 – *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I* – Daniel Marguerat
- N. 56 – *Igreja Introversa: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum”* – Andrea Grillo
- N. 57 – *Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã* – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 – *As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo* – Christoph Theobald
- N. 59 – *Deus e a criação em uma era científica* – William R. Stoeger
- N. 60 – *Razão e fé em tempos de pós-modernidade* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 – *Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura* – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 – *Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição* – Luigi Perissinotto
- N. 63 – *A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico* – Felix Wilfred
- N. 64 – *Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea* – François Euvé
- N. 65 – *O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade* – Marco Lucchesi
- N. 66 – *Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno* – Mary E. Hunt
- N. 67 – *Silêncio do deserto, silêncio de Deus* – Alexander Nava
- N. 68 – *Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites* – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 – *(Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual* – Degislando Nóbrega de Lima
- N. 70 – *Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet* – Moisés Sbardelotto
- N. 71 – *Rumo a uma nova configuração eclesial* – Mario de França Miranda
- N. 72 – *Crise da racionalidade, crise da religião* – Paul Valadier



Antonio Spadaro é teólogo jesuíta, formado em Filosofia pela Universidade de Messina e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Diretor da Revista *Civiltà Cattolica*. Ocupou-se principalmente com a cultura, tanto com crítica literária quanto com a forma como as novas tecnologias da comunicação estão mudando o modo de viver, de pensar também a fé. Publicou 15 livros, organizou outros oito. Promoveu várias iniciativas culturais ligadas ao mundo da literatura e da rede. Fundador e Presidente da Federação *BombaCarta*, um projeto cultural na internet onde recebe iniciativas de escrita criativa com produções de vídeos e leituras de autores de várias cidades italianas. Criou o blog *Cyberteologia* (prêmio WeCa 2012), no qual procura responder aos desafios implicados à cultura da rede, a partir da ótica da fé cristã.

Algumas publicações do autor

SPADARO, Antonio. *Cyberteologia: Pensar o cristianismo no tempo da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012.

_____. *Svolta di respiro. Spiritualità della vita contemporanea*. Milano: Vita & Pensiero, 2010.

_____. *Web 2.0 Reti di relazione*. Milano: Paoline, 2010.

_____. *Alla ricerca del lupo. Genio, tensioni, vanità*. Bologna: Pardes, 2009.

_____. *L'altro fuoco. L'esperienza della letteratura, II*. Milano: Jaca Book, 2009.